

Sobre Carreira e Pesquisa: o que esperar de nós e da pesquisa brasileira em Contabilidade?

Fiquei honrado com o convite do Prof. Gerlando Lima, editor da REPeC, para escrever meu primeiro editorial e com uma missão complexa de compactar algumas experiências internacionais e de pesquisa de alguns anos (pelo menos 10) em três páginas. Direto ao ponto, tudo começou com um desafio pessoal: Eu sou capaz? Quando eu não tinha (na maioria das vezes) a velocidade e facilidade de aprendizagem equivalente às dos meus colegas, eu tinha que dedicar horas adicionais a fio para aprender muitos conteúdos simultaneamente. É um processo natural, por vezes estressante e árduo, mas que amplia nossa habilidade para gerenciar emoções, trabalhar sob pressão e aumentar nossa capacidade para absorver e trabalhar com mais projetos em paralelo. Tentei separar por fases, mas algumas delas ocorreram em paralelo. Começo destacando alguns desafios, algumas experiências e concluo com uma perspectiva comparativa do que vejo na pesquisa científica em Contabilidade lá fora (internacional) e no Brasil.

No mestrado, em geral, conhecemos as técnicas de pesquisa, mas praticamos ou aplicamos pouco. O tempo é curto; muito conteúdo para absorver e pouca margem para erros. No doutorado a figura muda. Já no doutorado na FEA/USP, meu orientador, Prof. Alexandre Broedel Lopes, falou que só me orientaria se eu cursasse Econometria na Economia - exigência justa e que me ajudou muito, mas não foi fácil. Fui eu direto para Econometria III (dados em painel) e percebi a distância que eu estava dos colegas da turma vindos da Economia. Muitos me ajudaram e são amigos até hoje, mas tive que ir na graduação assistir às aulas de Econometria Básica para acelerar o processo, devorar livros e anotações para entender tudo aquilo que era novo e complexo.

Prof. Dr. José Elias Feres de Almeida
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5220-0598>
E-mail: jose.e.almeida@ufes.br

Após algumas experiências de apresentação de artigos em congressos internacionais, quase no final do doutorado, achei uma chamada (*call*) para doutorandos da Europa para o 1st WHU Summer Program in Accounting Research (SPAR) na Alemanha, organizado pelo Prof. Thorsten Sellhorn. Pedi ajuda para alguns colegas revisarem minha documentação; fiz a aplicação e foi uma surpresa mútua eu ser aceito. Eles ficaram curiosos por ter um brasileiro no meio deles, de ter interesse em ir para lá participar do evento. Foi uma das maiores experiências que tive (ver o estilo de aula dos professores da Alemanha e dos Estados Unidos em conjunto, apresentar um *paper*, revisar artigos, aplicar técnicas, discutir a tese, etc.) em três dias intensivos. Pude perceber que eu lia os artigos (muitos deles lido durante o doutorado), mas não absorvia como muitos dos procedimentos metodológicos discutidos eram aplicados adequadamente, por falta de prática. A preocupação deles era (e é) forte em como conectar o problema de pesquisa com o *design* da pesquisa.

Depois, em 2013, fui convidado para ir para Alemanha como *visiting* professor para ministrar um curso de *earnings quality* e fazer pesquisa com o Prof. Niklas Lampenius na Universität Hohenheim em Stuttgart. Foi novamente um momento em que pensei se eu teria as competências para ministrar um curso inteiro e intensivo e realizar pesquisa, tudo em inglês, mas com o desafio fora dos muros da universidade com o idioma alemão. Foi uma experiência sensacional e totalmente diferente. Para resumir, depois de quase trinta dias ministrando aulas e, em paralelo, debruçado sobre dados massivos de uma base de dados de empresas alemãs, pacote estatístico (Stata) e gerar resultados, entreguei uma prévia das evidências iniciais ao professor e, para minha surpresa, a primeira pergunta foi: ok, vejo as tabelas, mas cadê seu “do file”? (arquivo texto com os códigos do Stata). Eu parei, respirei, pensei e nunca tinha me atentado para a importância do código, apesar de usá-lo parcialmente até aquele momento. Ele pediu para usar o ‘do file’ da primeira linha, abrindo a base de dados, passando pelo tratamento dos dados, até a última tabela da pesquisa. Baita desafio. Investi uns dez dias até entender a lógica da programação e achar exemplos em fóruns na internet (hoje existe muito mais materiais e tutoriais disponíveis). Hoje sou grato por essa oportunidade, apesar do sacrifício inicial, pois todo o processo de pesquisa passa a ser automatizado e muito tempo é economizado, além de aumentar a consistência e qualidade dos resultados.

Outros desafios vieram com congressos internacionais e muitas discussões, mas, principalmente, buscando observar quais são as melhores práticas de pesquisas, processos editoriais, como organizar as ideias e os parágrafos, enfim, muito mais trabalho para atender a um patamar de exigência elevadíssimo, ainda maior, quando começamos a pensar em publicação internacional.

Dois outros momentos de choque em pensar pesquisa foram os eventos do *International Journal of Accounting* (Tija) e do *Journal of International Accounting Research* (Jiar). As discussões foram excepcionais e decisivas para melhoria dos artigos para chegar ao ponto de ter alguma chance para publicação. Aqui preciso destacar alguns nomes mais próximos para efetiva melhoria dos artigos, os professores: Suresh Radhakrishnan (debatedor), Rashad Abdel-kalik (editor Tija), Gerlando Lima, Amaury Rezende e Patricia Bortolon, Ervin Black (editor Jiar), Greg Burton (debatedor Jiar) e diversos participantes de congressos, *workshops* e dos revisores anônimos por onde esses estudos foram apresentados. Os artigos literalmente tinham uma “cara” quando submetidos e saíram de outro jeito no final dos processos editoriais. Agora, tudo isso levou tempo e temos ainda que lidar com os prazos da Capes, que não ajudam quando estamos buscando inserção internacional. Alguns projetos com coautores dos EUA e Europa já têm 3 anos e eles ainda entendem que não estão no ponto para submissão (vamos aprendendo com o processo).

Em 2015 recebi convite do Prof. Suresh Radhakrishnan da University of Texas at Dallas (UTDallas), para visitar a instituição por quatro meses em 2016. Essa oportunidade abriu muitas portas e *networking* para desenvolver pesquisas com coautores dos Estados Unidos. E, em 2018, o Prof. Rashad me aceitou para visitar a University of Illinois at Urbana-Champaign (UIUC) por sete meses, também potencializando *networking* de pesquisa, aprender mais com eles nas aulas e também contribuir ministrando um *workshop* chamado “*Earnings Quality and Research Design with a brief introduction to coding*”. Juntei essas duas experiências internacionais mais recentes para destacar que não foram simples e fáceis essas visitas. Dois períodos de crises que atingiram o Brasil, e o dólar ultrapassou a casa dos R\$4,10, sem bolsas de estudos disponíveis pelas agências de fomento, mas contei com o bom senso do Departamento para autorizar meu

afastamento para aproveitar essas oportunidades. Caso contrário, o tempo e a oportunidade passariam e outras como essas poderiam nunca mais surgir.

Aliás, uma oportunidade abre porta para a outra e para outros colegas, desde que correspondam às expectativas de quem convida e que levem muito a sério o que eles entendem como experiência e oportunidade de visitá-los (assistir aulas como ouvinte, participar dos workshops de pesquisa que ocorrem semanalmente quase toda quarta-feira e sexta-feira e praticamente todos os professores participam intensamente), estar presente e manter contato com outros *visiting scholars* e alunos do doutorado, etc. Agora é compartilhar gradativamente o conhecimento e a experiência adquiridos.

Depois disso tudo, caminhando para a parte final deste Editorial, faço uma breve releitura de como enxergo a pesquisa acadêmica brasileira e comparo com o que vi nos últimos 6 anos com base nessas experiências internacionais. O Brasil deu um salto na disseminação de técnicas e abordagens metodológicas (tanto quantitativa como qualitativa), mas na mesma proporção que os métodos chegaram, parece que ficamos no lado extremo de um pêndulo e estamos esquecendo (desculpem-me por incluir todos nós) da parte conceitual-teórica para sustentar a operacionalização das pesquisas. Os professores Eliseu Martins, Sergio de Iudicibus, Nelson Carvalho, entre outros, já vêm provocando essas reflexões e questionamentos, que os levo profundamente como uma autocrítica enquanto autor, professor e avaliador de periódicos. Os métodos utilizados estão adequados (ou são suficientes) ao problema e objetivos propostos nos estudos?

Ainda é comum no Brasil vermos artigos em congressos e periódicos com uma parte considerável da introdução com pequena revisão de literatura e justificativa do estudo, por exemplo, este “estudo se justifica porque tem poucos estudos sobre o tema”, “este estudo é justificado porque...” e por aí vai. Todavia, no final, qual é a contribuição do estudo? Como ele expande a literatura, a área? Como as evidências poderiam ajudar profissionais, reguladores entre outros (se for possível)? Nas minhas reuniões com os professores da UTDallas ou da UIUC, em alguma medida, sempre recebia algum comentário elogioso das ideias, mas a primeira pergunta sempre era: “Ok, gostei da ideia, mas qual é a contribuição?” ou “A contribuição não está clara”, ou seja, se o estudo, mesmo promissor, não tiver uma contribuição que impacte a literatura e que tenha potencial para ser citado, os professores de fora do país não gastam tempo na pesquisa e isso é natural, não é nada pessoal.

Nós também gastamos muito espaço do estudo com revisões de literatura que poderiam ser mais sucintas para deixar mais espaço para uma motivação teórica efetiva para convencer a argumentação e relevância do problema de pesquisa e contribuições do estudo. Em outras palavras, precisamos ler e reler nossos manuscritos com calma e na perspectiva do editor e do revisor, pois eles são o filtro para o manuscrito ser aceito. Isso é um exercício diário e, se prestar atenção nos artigos dos *top journals*, tem uma estrutura e tipo de linguagem/redação padrão que precisa ser seguido, se quiser almejar tal publicação.

Quase finalizando, penso que no Brasil ainda estamos muito focados em associação de fenômenos, variáveis ou fatores e pouco em causalidade. Podemos entender por causalidade algum choque econômico, social, alguma intervenção, etc., que pode mudar o comportamento de um grupo de empresas ou pessoas após o evento em comparação ao período anterior e em relação a um grupo de controle. A medicina é muito eficiente nesse tipo de estudo e vemos muito também na literatura de finanças. A contabilidade já começou a importar essas técnicas e abordagens gradativamente. Os estudos em contabilidade comportamental (experimento) utilizam esse tipo de abordagem, com tremendos desafios de isolar efeitos que poderiam interferir no resultado final do experimento. Algumas áreas de Contabilidade Gerencial e Financeira já analisam causalidade.

Espero que este editorial contribua para reflexões profundas por parte de professores, pesquisadores, revisores e editores. Todavia, não é uma recomendação para mudança, mas para reflexão inicial de todos. Acredito que pesquisadores de abordagens “quali” ou “quanti” se beneficiarão com melhoria da qualidade dos estudos na medida em que buscarem programar (escrever o código) para executar os procedimentos metodológicos do estudo. Hoje é tendência em muitos *top journals* exigirem a submissão do código de programação dos manuscritos junto com eles. Essa iniciativa já começou no Brasil e vai ficar cada vez mais forte. Isso é uma busca por excelência na pesquisa, pela validação por qualquer pessoa no mundo sobre o que foi executado.

Por fim, nossos estudos circulam muito pouco - um ou dois congressos (no máximo) e a submissão para um periódico. Quando lemos um artigo publicado em um *journal*, muito provavelmente esse artigo já foi apresentado e alterado por uns 2 ou 3 anos. Então, estamos lendo o que já passou. Enquanto revisor e ex-editor de periódicos nacionais, já detectei com o corpo editorial de alguns periódicos vários casos de artigos submetidos logo após o fim de um congresso (quando não em paralelo), deixando no ar uma reflexão: o trabalho já está no “ponto” para submissão ou mereceria alguns ajustes/releitura antes da submissão? Observem as notas de rodapé dos artigos publicados nos *journals*; observem quantos pesquisadores e eventos são mencionados nos agradecimentos; observem o tempo entre submissão, rodadas de revisão e publicação. Eu gostaria de ilustrar que os estudos “rodam” bastante até chegar no ponto para submissão e ainda com alto risco de rejeição pelo editor, ou logo em seguida, pelos revisores anônimos, porque a taxa de rejeição lá fora é muito maior que no Brasil. Não quero dizer que devemos trilhar esse caminho, mas precisamos refletir sobre nossos estudos e a sua maturação antes da submissão do que submeter para receber um *feedback* do editor ou revisores para melhorar o estudo. Precisamos desenvolver nossa autocrítica e espero aprender com todos. Obrigado pela oportunidade de compartilhar essas ideias e fico à disposição.